

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA
5 de novembro de 2021**

PASSAGENS / 2019

Um filme de Lúcia Nagib e Samuel Paiva

Realização: Lúcia Nagib e Samuel Paiva / *Argumento:* Lúcia Nagib, baseada num ensaio da sua autoria / *Montagem:* Tatiana Germano / *Câmara:* Joyce Cury (equipa de São Paulo), Francisco Baccaro (equipa do Recife), Hsin Hsieh, Kjetil Muri Skarstein (equipa de Cambridge), Tiago Lares, João Pedro Kohn (câmara e som, 02 Filmes) / *Produção:* Sancler Ebert, Albert Elduque (equipa de São Paulo), Silvia Macedo (equipa do Recife e de Cambridge) / *Som:* Debora Taño (equipa de São Paulo), Xisto Ramos (equipa do Recife) / *Montagem de Som:* Francisco Mazza, Julia Hardecka / *Entrevistados:* Tata Amaral, Hélder Aragão, Cláudio Assis, Beto Brant, Paulo Caldas, Vânia Debs, Ana Farache, Lírio Ferreira, Marcelo Gomes, Hilton Lacerda, Fernando Meirelles, Kleber Mendonça Filho, Renata Pinheiro, Adelina Pontual, João Vieira Júnior / *Cópia:* DCP, a cores e preto e branco, falado em português e com legendas em inglês / *Duração:* 94 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de outubro de 2019, Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, no Brasil / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Lúcia Nagib.

Este documentário-ensaio, de raiz académica, apresenta vários motivos de interesse, que importa realçar, tendo em conta a especificidade deste objeto, no tempo e no espaço. Desde logo, trata-se de mais um “produto” da autoria da extraordinariamente prolífica Lúcia Nagib, professora de cinema na Universidade de Reading, que tem escrito sobre um extenso leque de assuntos relacionados com o cinema internacional, em particular o brasileiro, destacando-se *A Retomada do Cinema Brasileiro: Depoimentos de 90 Cineastas dos anos 90*. Nagib contou com a assistência na realização e concepção deste documentário do realizador e professor de História do Cinema da Universidade Federal de São Carlos, Samuel Paiva, que tem produzido programas para o canal da Universidade de São Paulo e também apresenta uma produção relevante no âmbito académico, de que se destaca a sua tese de doutoramento sobre *A figura de Orson Welles no cinema de Rogério Sganzerla*.

Ela, com uma ligação umbilical a São Paulo, e ele, ligado que está à sua terra natal do Recife, em Pernambuco, são, digamos assim, as duas pernas sobre as quais assenta a tese, transformada em filme, de *Passagens*, uma vez que se explora precisamente o eixo Recife-São Paulo, fundamental ligação (distanto mais de 2 400 quilómetros entre os Estados) para se perceber a geração da chamada “retomada” do cinema brasileiro, iniciada nos idos anos 90 e, em certa medida, ainda em curso, gerando frutos recentes de grande impacto internacional (os nomes de Fernando Meirelles e Kleber Mendonça Filho, que constam de uma luxuosa lista de entrevistas, assinalam precisamente a referida internacionalização do cinema brasileiro). Essa será uma das primeiras virtudes deste documento: prova, até à saciedade, que esta recentíssima geração do cinema brasileiro, representada por nomes como Kleber Mendonça Filho mas também a aqui entrevistada Renata Pinheiro (já lá vou), não nasceu “do nada”, bem pelo contrário. Para percebermos este processo de internacionalização temos, enfim, de recuar um pouco e, para mais, entender o fenómeno da intermedialidade na geração dos anos 90 do século passado.

O que o filme de Nagib e Paiva também nos traz é um modo de olharmos para este cinema como o resultado da intersecção de várias artes e como o corolário de uma paisagem tradicional em acelerada transformação, entrando aqui uma reflexão, à laia de Janus, sobre o passado (pós-)colonial do Brasil, os terríveis anos da ditadura, a geração do Cinema Novo brasileiro, a Tropicália, mas também sobre o que o futuro podia reservar, através da constituição de uma nova arte verdadeiramente plural e de uma sociedade plenamente democratizada, “abrindo-se” à realidade sincrética ou multimédia das novas tecnologias e, com isso, complexificando-se ainda mais. Música, teatro, artes plásticas, fotografia, rádio, até a maconha (ou a possibilidade de uma “montagem maconhal”!), são eixos desta análise pluridisciplinar levada a cabo por Nagib e Paiva, tornando ainda mais rica e apetecível a descoberta destes filmes (ainda praticamente desconhecidos em Portugal). Esta é a outra virtude, cingida a um público não brasileiro, presumo, contida neste documentário: dá-nos vontade de desbravar este território verdadeiramente sincrético – para verificarmos quão sincrético ele é, temos exatamente este filme – do recente (ou já não tão recente assim) cinema vindo do Brasil.

A outra virtude deste documento radica na participação de alguns dos protagonistas dessa geração da retomada. O caso de Renata Pinheiro, realizadora do curioso **Amor, Plástico e Barulho** (2013), que passou no contexto do IndieLisboa, é particularmente interessante, por esta corporizar no seu trabalho essa interartisticidade, que está na base do argumento académico de Nagib e Paiva. Pinheiro foi/é artista plástica, fez/faz direção artística e ainda escreve, realiza e produz cinema. A própria assume que as suas bases são as artes plásticas e que foi aí, nesse território, que foi buscar inspiração para moldar uma certa práxis cinematográfica. Pinheiro reflete ainda de maneira particularmente lúcida sobre a dimensão política deste cinema da viragem, atento às periferias, encarando a realidade das favelas, mas fazendo isto através de novas condições de possibilidade decorrentes da própria modernização da sociedade brasileira, nomeadamente explorando a estética do videoclipe, a linguagem da Internet ou do Web 2.0.

Por fim, há um projeto sociopolítico, que se considera bem sucedido, presente na geração lançada nos anos 90, entre o Recife e São Paulo, que passa, muito simplesmente, por mostrar os lugares e as pessoas reais do Brasil moderno. Como é referido por alguns realizadores, só o mero facto de se projetarem no grande ecrã as imagens de um bairro ou de um “fauna” reconhecível, representa uma forma de emancipação, um estímulo para que se *projete* mais e para que se venha, com isso, a gerar uma comunidade mais sólida e compreensiva. A propósito desse solidário e engajado sentimento de pertença, impõe-se que refira a passagem mais comovente do filme de Nagib e Paiva: o momento em que Cláudio Assis, descrevendo o assunto do seu documentário, co-realizado por Camilo Cavalcante, **Eu vou de volta** (2007), não contém as lágrimas e deixa-se ir abaixo. Realizador fundamental da sua geração, por força de títulos como **Amarelo Manga** (2002) e **A Febre do Rato** (2011), Assis fala sobre quem vai de autocarro do agreste pernambucano para São Paulo e, ao mesmo tempo, fazendo a viagem inversa, sobre quem regressa, digamos assim, com uma mão à frente e outra atrás – uma vida de “leva e trás”, como diz um dos entrevistados. Uns vão, alimentados pela esperança num futuro, outros regressam, por vezes conformados com uma vida de dificuldades deixada para trás e um final de vida igualmente duro, igualmente triste que se projeta.

Luís Mendonça